

QUARESMA 2023

«Dai-lhes vós mesmos de comer»

(Mt 14,16)

2



Reflexões para a Quaresma

2/2023

SEGUNDO ENCONTRO

Este encontro tem como proposta uma vivência, visto que no primeiro encontro tomou-se a decisão de considerar e auxiliar algumas pessoas pobres e carentes.

Assim, nesse segundo encontro, somos orientados a convidar pessoas vulneráveis ou em situação de vulnerabilidade econômica/ou social para compartilhar um momento de oração e fraternidade (*por exemplo: oferecer café da manhã, lanche da tarde, almoço, jantar, etc.*). Importante ressaltar que o objetivo deste encontro não é somente organizar o momento para dar comida aos pobres, mas para “dar a nós mesmos de comer”, isto é, abrir nossos corações na presença das pessoas convidadas. Dedicar um tempo de silêncio com eles, ouvir o que eles guardam em seus corações, participar da

intimidade das conversas à mesa e ter um momento de partilha e oração com todos.

É evidente que o encontro deve ser organizado de modo a facilitar a participação ativa de todos, dando maior espaço para a partilha. Por isso, cada comunidade tem a liberdade de adaptar esse roteiro à própria realidade e às situações das pessoas convidadas.

O roteiro indica uma passagem do Evangelho, com uma breve reflexão e perguntas que facilitam a partilha.

No primeiro momento, orienta-se a meditar o texto individualmente, suplicando ao Senhor a graça de abertura do coração diante dos irmãos em situação de vulnerabilidade social e econômica. No segundo momento, iluminados pela oração, prepara-se o encontro de partilha com as pessoas convidadas, motivado pelo texto bíblico.

Iluminação bíblica - Mt 14, 13-21 (Primeiro milagre dos pães)

Tendo ouvido isso, Jesus retirou-se dali e foi, de barco a um lugar deserto, à parte. Quando ficaram sabendo, as multidões saíram das cidades e o seguiram a pé. Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão. Encheu-se de compaixão por eles e curou os que estavam enfermos. Ao entardecer, os discípulos aproximaram-se dele e disseram: “Este lugar é deserto e a hora já está adiantada. Despede as multidões, para que possam ir aos povoados comprar comida”! Jesus, porém, lhes disse: “Eles não precisam ir embora. Dai-lhes vós mesmos de comer”! Os discípulos responderam: “Só temos aqui cinco pães e dois peixes”. Ele disse: “Trazei-os aqui”. E mandou que as multidões se sentassem na relva. Então, tomou os cinco pães e os dois peixes, ergueu os olhos ao céu e pronunciou a bênção, partiu os pães e deu aos discípulos, e os discípulos os distribuíram às multidões. Todos comeram e ficaram saciados, e dos pedaços que sobraram recolheram ainda doze cestos cheios. O que comeram foram mais ou menos cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças.

Refletindo sobre o texto bíblico



A história da partilha dos pães e peixes está presente nos quatro evangelhos. Nela ecoa alguns episódios do Antigo Testamento, especialmente o dom de maná no deserto (Ex 16; Nm 11,31-32) e antecipa de alguma forma o dom definitivo e total de Jesus na Última Ceia. Esse gesto é sinal da solidariedade de Deus para conosco e também da solidariedade dos homens entre si.

Jesus, imediatamente, retira-se para um lugar deserto, após a notícia da morte de João Batista. Ele precisa estar sozinho para processar a perda, para orar. É nesse contexto que as pessoas de várias cidades vêm a Ele. A morte do Batista deixou um vazio no coração de Jesus, e também nos corações do povo.

Parar, ir a um lugar deserto, permite-lhe acolher o vazio criado pela morte do profeta, favorece o encontro verdadeiro, a escuta profunda. Ele não se preocupou em enfrentar Herodes, que também começou a questionar-se sobre Ele. No entanto, Ele concentrou-se em sua missão, a de ser a revelação de Deus entre os homens, por meio da atenção às suas necessidades.

Nós precisamos, também, parar e retirar-nos para acolher o vácuo criado pela sociedade com tantas conexões, mas com poucos encontros, porque estamos desconectados entre nós e, às vezes, dentro de nós. Lá, nesse espaço (dentro de nós), percebemos a pobreza, a solidão, percebemos que os outros também precisam de encontros verdadeiros e profundos, precisam de escuta e partilha, precisam de Deus. O Senhor pode saciar a nossa fome, preencher esse vazio se escutarmos a sua Palavra em uma condição de abertura para com os outros.



Alimentando o coração

✓ As pessoas vieram até Jesus e permaneceram com Ele para ouvi-lo. Em sua presença, muitas pessoas foram curadas. Estar na presença do Senhor fez com que esquecessem do fato de estarem sem comer e com o dia que findava. Inversamente, os discípulos mostraram preocupação, mas se esqueceram de confiar na presença de Jesus. Esqueceram da Providência divina.

✓ Diante da multidão e das suas necessidades, a primeira reação emocional dos discípulos é “mandá-los embora para que “arranjassem-se” por conta própria. Essa é

uma resposta lógica, mas fria! Como os discípulos, muitas vezes apontamos a desproporção entre a insuficiência, a escassez dos meios à nossa disposição e as imensas necessidades que devem ser enfrentadas. “Temos apenas cinco pães e dois peixes”. Não podemos fazer nada a respeito. Então sugerimos que as pessoas “façam”.

✓ Jesus olha para as pessoas, para os seus corações e tem compaixão delas. Contudo, ele não olha apenas para as pessoas famintas, Ele olha também para os discípulos e, talvez, arrependa-se um pouco pela frieza deles. Nessa ótica, o milagre dos pães é um convite para abrir os corações dos discípulos para a fé, sem medo dos próprios limites.

✓ Jesus convida-os a tomar consciência do problema: *“Eles não precisam ir embora. Dai-lhes vós mesmos de comer”!* A solução de Jesus parece ilógica ao cálculo humano, mas não é ao cálculo da fé: *“Trazei-os aqui a mim”*. A lógica da fé não se baseia na precisão do cálculo matemático, mas na presença de Jesus e do seu amor.

✓ O restante da história mostra que Jesus não trabalha magicamente, não começa do zero. Ele precisa de alguém para disponibilizar o pouco que tem. O milagre dos pães está precisamente em saber partilhar, em criar a comunidade. Um gesto que alerta a Jesus é que aquele “pouco”

partilhado, permite-lhe alimentar uma multidão. O pão partido e partilhado não se esgota, e nas mãos de Jesus multiplica-se, enchendo um número infinito de pessoas.

✓ A humanidade está acostumada a multiplicar, mas isso não resolve os problemas. Na verdade, as pessoas estão mais famintas, mais carentes, porque alguns acumulam por medo da necessidade/falta e, por isso, fecham-se em suas riquezas. Em âmbito material, não sentem falta de nada, mas sentem a falta do amor, do sentido da vida e de Deus. Na perspectiva da partilha, no entanto, é indicado que as pessoas são saciadas e ainda sobra. Ao contrário do que a matemática ensina, por meio da divisão há multiplicação, há um aumento.

✓ A solução dos problemas encontra-se na conjugação de dois aspectos: a coragem da partilha e a fé em Jesus. Se eles tivessem dado os pães às pessoas, eles não teriam sido suficientes. Eles os dão a Jesus e Jesus os torna suficientes e abundantes para todos. Eis, portanto, que a fé se traduz em partilha!

✓ Então o milagre acontece quando se é grato a Deus pelo “pouco” que parecemos ter. A partilha liberta-nos do medo de ficar sem, mostra-nos que Deus age multiplicando o “pouco”.

✓ Não se trata apenas de distribuir pão à multidão faminta, e sim de “fazer-se pão”, de doar-se, pois o que satisfaz é o dom gratuito de si mesmo. Isso significa que precisamos doar sempre mais a nossa vida, nosso tempo e nossas energias. É precisamente pelo fato de nos fazermos oferta, dom aos outros que nos salvamos (*cf. At 20,35*). É entregando-nos aos outros que nos salvamos. Nessa passagem, Jesus pede-nos uma coisa: Ele quer que desenvolvamos o sentimento de compaixão. Todos aqueles que recebem Jesus na Eucaristia devem, por sua vez, poder “fazer-se pão”, entregar-se aos outros.

✓ Nos países mais pobres, pode haver um problema prático: se alguém começa a alimentar as pessoas pobres, muitas outras aparecerão, e isso criará uma grande provocação. É necessário compreender aqui, à luz da Palavra, o que significa compartilhar, e quais são as melhores maneiras de ajudar, confiando na Providência.

Perguntas para reflexão:

(Algumas perguntas dizem respeito à reflexão pessoal, outras são mais genéricas. Cada uma deve escolher a mais adequada para o encontro de partilha.)

- O que mais nos impressionou no texto do Evangelho?
- Temos nossos cinco pães e dois peixes: acreditamos que é pouco, mas Deus faz grandes coisas... Quais experiências desejo compartilhar sobre minha vida?
- O que partilhamos com os outros: aquilo que não se usa mais ou o que serve ao meu próximo?
- Quais são as necessidades das pessoas ao nosso redor? Qual é a falta mais profunda que encontramos?
- Você já experimentou momentos em que se sentiu perdido, sozinho, impotente?
- Você é capaz de ouvir as necessidades, de sentir compaixão pela dor dos outros?
- Somos capazes de ouvir, sem pressa, acolher o outro com os seus sofrimentos sem o despedir imediatamente, deixando-o vagar sem ajuda?

- Diante de uma situação limítrofe, temos coragem de enfrentá-la ou preferimos evitá-la?
- Você poderia partilhar uma situação de sua vida em que, apesar dos poucos recursos disponíveis, conseguiu compartilhar seus bens/ habilidades, vendo a presença da Divina Providência?
- Apesar de suas dificuldades, você já experimentou momentos em que você poderia ser próximo ou útil para alguém que estava mais necessitado de você? O que você fez? E como se sentiu?
- Como lidamos com as dificuldades das pessoas em nosso apostolado? Nós as abandonamos para si mesmas? Ou as acolhemos?



No final da reunião, quando a comunidade está sozinha, perguntamos:

Quais são os “novos pobres” ou a nova pobreza que batem à porta da minha comunidade? É possível nesta Quaresma partir da concretude do encontro com os pobres e de colocarmo-nos como comunidade (*família carismática Orionita*) em diálogo com o território (*instituições, caritas, outros religiosos etc.*), identificar um novo broto de caridade ou iniciar um processo para responder a uma situação local de pobreza e ou vulnerabilidade?

